

APRESENTAÇÃO

Todos os Dicionários são filhos da sua época, no sentido de que são relativos ao seu tempo, seja porque limitados a ele, seja, sobretudo, como testemunhas dele. Isso vale, por exemplo, para os Vocabulários de qualquer língua falada, que, estando viva, fica sujeita a variações e enriquecimentos e por isso necessita de contínuas atualizações. A afirmação vale também para os Dicionários culturais — por exemplo, os de antiguidades clássicas — os quais devem acompanhar as novas aquisições que ocasionalmente emergem de novas descobertas arqueológicas ou literárias. O mesmo se diga sobre os Dicionários das várias matérias científicas.

Uma edição completamente nova

Um Dicionário de teologia bíblica também necessita de revisão e de adaptação a novas sensibilidades intelectuais. Aquele que a mesma Editora San Paolo havia publicado na Itália — há mais de vinte anos (em 1988) — precisava ser retomado, eventualmente reelaborado, e em todo o caso adequado aos novos estudos que nesse meio-tempo amadureceram no âmbito das pesquisas sobre o texto sagrado. Após uma cuidadosa avaliação, decidiu-se realizar uma edição completamente nova, que se distingue por algumas características que merecem ser evidenciadas.

Em primeiro lugar, e é o dado mais notório, dá-se uma específica *atenção aos temas teológicos*. Dada a complexidade do conceito de teologia bíblica, preferiu-se privilegiar uma série de temáticas, presentes na Sagrada Escritura e típicas do seu conteúdo. Por isso, no atual Dicionário já não se encontram os verbetes que na edição anterior tinham um caráter mais propriamente exegetico. Em vez disso, se concede espaço aos temas e às grandes seções da Escritura, abordada em chave teológica, como por exemplo: a teologia do Deuteronomista, a teologia dos Livros proféticos etc. Os próprios livros bíblicos são apresentados singularmente segundo essa perspectiva.

Além disso, a presente obra se destaca particularmente pelo *perfil internacional* dos seus colaboradores. De fato, envolveram-se, além de muitos italianos, também autores alemães, ingleses, franceses, portugueses, espanhóis e brasileiros. Assim, fica também documentado o alcance eclesial e ecumênico do empreendimento, que honra a dimensão da própria Escritura como patrimônio de uma comunidade formada “por todas as nações, tribos, povos e línguas” (Ap 7,9).

Mais ainda, para a composição do presente Dicionário foram também valorizadas as sugestões provenientes de diversas recensões e cartas que chegaram à redação após a publicação do precedente *Dicionário de teologia bíblica*; além disso, levou-se em conta o estilo adotado em outros Dicionários bíblico-teológicos publicados nesse ínterim. No total, são 244 verbetes, e cerca de 160 autores: um conjunto de grande relevo.

APRESENTAÇÃO

Uma perspectiva atenta ao ambiente cultural

De modo geral, a abordagem ao texto bíblico não pode deixar de ser multifacetada. A Bíblia, com efeito, é um fenômeno complexo e a sua plena compreensão mereceria a compilação de uma enciclopédia inteira. Por outro lado, obras do gênero não faltam. Ao contrário, o caráter do presente Dicionário, ao menos aparentemente, simplifica muito as coisas. Isso se aplica pelo menos ao aspecto material, dado que ele não leva em consideração os verbetes de cunho arqueológico, histórico, comparativo e menos ainda onomástico (a não ser em relação aos livros dos respectivos hagiógrafos e dos personagens mais relevantes). Estar limitado a verbetes teológicos denota, portanto, pelo menos em nível superficial, uma restrição de interesse. Todavia, esses mesmos verbetes teológicos não poderiam ser tratados adequadamente se não fosse dada a devida consideração ao substrato histórico-cultural de cada um deles. Não basta, com efeito, circunscrever o campo visual unicamente à dimensão canônica do texto, se não se presta prudentemente atenção aos possíveis desvios fundamentalistas do empreendimento. Eis por que, na medida do possível, no estudo individual dos termos, a perspectiva estritamente teológica se integra à preocupação de colocar as várias temáticas em seu respectivo ambiente cultural.

Segundo a concepção hebraico-cristã do conceito de Revelação, com efeito, citando as palavras do profeta Isaías, não são somente as nuvens que chovem o Justo, mas é também a terra que se abre e germina o Salvador (cf. Is 45,8). Por isso, será inevitável encontrar, na explanação de cada verbebo, ao menos sóbrias referências à moldura histórico-literária de cada um deles.

Se a Sagrada Escritura é palavra de Deus ao homem, a teologia, isto é, a sua elaboração historicamente condicionada, é palavra do homem sobre Deus. Neste sentido, a teologia não é somente obra de cultores posteriores das Sagradas Escrituras, eventualmente subdivididos em biblistas e sistemáticos, mas já é marca característica dos próprios escritores sacros. Se for verdadeiro, como ensinam os semiólogos, que a verdade, qualquer verdade, acontece e é percebida sob forma de interpretação, então se compreende bem o que escreve a constituição dogmática do Concílio Vaticano II, segundo a qual “Deus falou *per homines more hominum*, por meio dos homens e à maneira humana” (*Dei Verbum* 12). Essa mediação é tão importante e inevitável que ela mesma se torna parte da própria Revelação, como claramente se vê na figura de Jesus de Nazaré, Cristo e Senhor. O importante, portanto, não é tanto construir uma estrutura teológica nossa, mas descobrir a que caracteriza os autores e os livros sagrados.

Um afresco que respeita a policromia

O risco de um Dicionário temático é o de despedaçar o dado revelado em uma série de fragmentos. Todavia, é justamente neste procedimento que está a riqueza da abordagem. Com efeito, ele evidencia ao máximo a diversificada espessura daquela Palavra que, refletindo-se nos textos como em um prisma, liberta a múltipla virtualidade das suas cores. Certamente é verdade que toda a Bíblia é reconduzível à unidade, e esta, considerada de um ponto de vista cristão, é condensável na única figura de Jesus, *Logos* divino. Mas desde as origens do cristianismo houve a clara consciência, não somente de que Deus “falou por muitas vezes e de muitos modos” (Hb 1,1), mas de que o próprio Jesus Cristo é transmissível segundo uma pluralidade de retratos, como se pode verificar tanto na multiplicidade dos títulos a ele atribuídos como nos seus diversos perfis encontrados nos vários autores neotestamentários. É a fé nele que transforma os

diversos livros do Antigo e do Novo Testamento em um conjunto orgânico. Por isso, a unidade da Bíblia não é algo de livresco; antes, se nos detivéssemos em um nível puramente literário, poderíamos descobrir apenas desorganização, senão até mesmo incoerências e contradições. Mas, quando lemos que Jesus veio não para abolir a Lei e os Profetas, e sim para lhes dar cumprimento (cf. Mt 5,17), então podemos realmente perceber que nos vários *bíblia* (em grego, “livros”, donde Bíblia) corre um fio condutor que os mantém unidos e que nessa condição exigem ser abordados. Disso resulta a possibilidade de descobrir — a exemplo de Paulo, o primeiro a fazê-lo — que até mesmo entre Adão e Cristo há uma continuidade ainda que antitética, de todo modo, uma correlação, assim como há uma também entre o cordeiro pascal e Cristo, entre Davi e Cristo etc.

Parece claro, portanto, que existe uma relação policromática entre Deus e os homens (do mesmo modo que entre os homens e Deus), a qual é expressa mediante conceitos diversos, como aliança, eleição, Messias, Espírito Santo, graça, fé, comunidade, esperança e assim por diante. É desse modo que se justifica o estudo dos temas bíblicos, cada um dos quais encerra em si uma parte da Revelação, ao passo que a exclusão de qualquer um deles tornaria a Revelação defeituosa.

Por isso, apresentando-se de forma analítica devido à sua natureza, o Dicionário não quer absolutamente desencorajar quem dele usufrui para compreender a unidade da Bíblia como palavra de Deus, mas quer somente contribuir para evitar sua redução a um sistema abstrato. Eventualmente, o leitor será convidado a passar logicamente de um verbete a outro, para compará-los, agrupá-los e reciprocamente integrá-los, para extrair deles um conhecimento mais autêntico e aprofundado da fé.

Percursos possíveis

O presente Dicionário, procedendo por ângulos visuais diversos, embora setoriais, permite compreender melhor o mistério da aliança que Deus fez com Israel e com a humanidade inteira, já que apresenta esse mistério por meio de suas diversas modalidades e expressões: tanto nos escritos (cf. todos os livros bíblicos), como no tempo (cf. povo de Deus, êxodo, reino, igreja, dia do Senhor), quer por meio de algumas figuras dominantes (cf. Abraão, Moisés, Elias e Eliseu, João Batista, Pedro, Maria, Paulo), por meio das suas instituições (cf. lei, templo, ministérios/ministros), quer por meio de seus promotores (cf. apóstolo, profecia, sacerdócio), e não obstante seus opositores (cf. anticristo, Babilônia, tentação). Sobretudo serão expostos individualmente os muitíssimos conceitos que constituem o tecido do conteúdo da própria Revelação, como *abbá*, bênção, conversão, discípulos, expiação, fé, alegria, encarnação, trabalho, mal/doença, nome, obras/mérito, paraíso, ressurreição, sacrifício, tempo, homem, verdade. Além disso, há verbetes sintetizadores (cf. apocalíptica, escatologia, messianismo, unidade entre AT e NT) e outros de tipo metodológico (cf. hermenêutica intrabíblica, hermenêutica extrabíblica, *lectio divina*, leituras da Bíblia), que permitem ao leitor se orientar inteligentemente no grande mar da Palavra.

De modo geral, pode-se dizer que há uma natural e inevitável trama entre a fé e a sua linguagem. Ora, uma completa exposição dos temas bíblicos oferece a todos a possibilidade de conhecer e indagar quais sejam concreta e detalhadamente os termos efetivos com os quais o fiel fala de Deus e do homem, do mundo e da história. Como todo saber tem um vocabulário próprio, assim

APRESENTAÇÃO

também o saber da fé tem o seu, e este deriva da Bíblia. Por isso, esta publicação pode se tornar um instrumento de excelência para tal escopo.

Guardadas as devidas proporções, também para este Dicionário assumimos o que Gerhard Kittel escrevia no já longínquo ano de 1933, no Prefácio ao célebre *Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament (Dicionário teológico do Novo Testamento)*, obra por ele dirigida: “Se de fato a obra conseguisse ser útil tanto ao estudioso, para a pesquisa científica, quanto ao pastor de almas, para o aprofundamento das Escrituras e para a pregação, esta seria a melhor recompensa que todos nós poderíamos receber”!

ROMANO PENNA
GIACOMO PEREGO
GIANFRANCO RAVASI

A

ABBÁ

SUMÁRIO – I. *No judaísmo*. II. *No Novo Testamento*.

I. No judaísmo – O termo aramaico *'abbā'* é o estado enfático de *'āb*, “pai”. Em termos gramaticais, o estado enfático corresponde ao substantivo semítico precedido do artigo, e por isso *'abbā'* equivale ao hebraico *hā'āb*, “o pai”. No uso linguístico, porém, *'abbā'* tende a substituir a forma nominal com sufixo de primeira pessoa singular (que no aramaico bíblico se encontra somente em Dn 5,13: *'ābī*) e, neste caso, assume o significado de “meu pai”. Com essa acepção o termo *'abbā'* se encontra nos textos profanos: seja no aramaico dos *Targumin*, nos quais traduz o hebraico *'ābī* (cf. por exemplo *TgO Gen* 20,12; 22,7; 27,31; 31,5.42), seja por contaminação no hebraico dos textos da *Mishnah*, que têm um caráter predominantemente econômico ou jurídico. Assim, a locução *bēt 'abbā'* significa “casa do meu pai” (cf. *Pea* 2,4). No tratado *Gita* (7,6) se lê: “Eis um documento de repúdio com a condição de que tu sirvas meu pai [*'abbā'*] e nutras meu filho [*b'ēnī*]”.

Em alguns textos da *Mishnah*, a palavra *'abbā'* é pronunciada por vários filhos e, portanto, tem o significado de “nosso pai”. Com esse sentido, ocorre por exemplo em *Shab* 7,7: “Juramos [...] que entre os papéis de nosso pai [*'abbā'*] não encontramos prova de que esta fatura tenha sido paga”.

Por outro lado, em contextos religiosos, é raro encontrar a expressão *'abbā'*, “meu pai”. A invocação dirigida a Deus é expressa com

a forma *'ābī*. Os pouquíssimos testemunhos nos quais *'abbā'* tem sentido religioso são recentes. Nesses casos, ademais, o termo jamais ocorre sozinho, mas sempre acompanhado de uma frase relativa (por exemplo: “que estás nos céus”).

II. No Novo Testamento – No NT há três ocorrências do termo aramaico *'abbā'*: Mc 14,36; Gl 4,6 e Rm 8,15. O texto de Mc se encontra na narração de Jesus no Getsêmani (cf. Mc 14,32-42) e se apresenta com uma evidente conotação cristológica: “Dizia: ‘*Abbá*, Pai! Tudo te é possível: afasta de mim essa taça! Entretanto, não o que eu quero, mas o que tu queres””.

Diferentemente, as outras duas ocorrências encontram-se em contextos eclesiológicos e pneumatológicos. No texto de Gl 4,6, a invocação *abbá* é o “grito” que o Espírito eleva no coração dos batizados e, como tal, constitui a prova de que eles são “filhos de Deus”. Também no texto de Rm 8,15 a invocação *abbá* é vinculada ao dom do “Espírito de filiação” e, portanto, à condição filial dos fiéis. Tal invocação, porém, não constitui o “grito” do Espírito, mas a ardente invocação que, por meio do Espírito, brota do coração dos batizados.

O termo aramaico *'abbā'* adquiriu particular relevo em âmbito bíblico-teológico a partir da publicação, em 1933, do primeiro volume do ThWNT, para o qual o artigo assim intitulado foi elaborado pelo próprio G. Kittel. Nele, o autor desenvolveu a tese de que o vocábulo reflete o modo pessoal pelo

APOCALÍPTICA

neutica, esegesi, teologia, Bologna, Dehoniane, 1988, ristampa 2001 – YARBRO COLLINS, A., *Crisis and Catharsis: The Power of the Apocalypse*, Philadelphia (PA), The Westminster Press, 1984.

GIANCARLO BIGUZZI

Ver também: APOCALÍPTICA; ESCATOLOGIA; REVELAÇÃO, VOZ DA.

APOCALÍPTICA

SUMÁRIO – I. *Problemática: linguagem e conteúdo*. II. *Nascimento e desenvolvimento da apocalíptica bíblica*: 1. Antigo Testamento: a. Joel, b. Textos apocalípticos nos profetas, c. Dêutero-Zacarias, d. Daniel; 2. Novo Testamento. III. *Apocalíptica, profetismo, sabedoria*. IV. *Temas teológicos*: 1. Visão da história; 2. O Reino de Deus; 3. A comunidade testemunha. V. *Conclusão*.

I. Problemática: linguagem e conteúdo – O termo “apocalíptica”, ausente na Bíblia, foi usado no século XIX para indicar um conjunto de textos semelhantes por forma e conteúdo ao Apocalipse de João. A Bíblia conhece, porém, o substantivo *apokálypsis* (Ap 1,1), atestado 14 vezes no epistolário paulino, em Lucas e na primeira carta de Pedro (cf. 1Pd 1,7.13; 4,13), com significado próximo ao verbo hebraico *gālâ*: ambos, o substantivo e o verbo, exprimem a ideia de descobrir, revelar. A apocalíptica permanece problemática: sua natureza deve ainda ser esclarecida. Basta pensar nas opiniões contrastantes de três célebres estudiosos. G. von Rad afirma que para a apocalíptica “até agora não se conseguiu encontrar uma definição satisfatória”; para O. Cullmann, ela consiste em “descrições do futuro que são também especulações, unicamente para satisfazer a curiosidade humana, sem nenhum autêntico interesse soteriológico”, enquanto, segundo E. Käsemann, “a apocalíptica é a mãe de toda teologia cristã”. A tentativa de explicar a apocalíptica por meio de longas listas de características formais e de

conteúdo não permitiu aos estudiosos chegar a um acordo. Limitando-nos aos textos bíblicos, é provável encontrar o núcleo da apocalíptica em dois elementos: um conteudístico, o outro formal. O primeiro elemento, o de caráter conteudístico, é dado pela dimensão escatológica, isto é, pela convicção de que os últimos tempos chegaram. Estes, aparentemente desastrosos, são na verdade como as dores do parto, são um sinal da instauração do Reino de Deus. A apocalíptica convida a ler em profundidade os eventos. Os últimos enfurecidos ataques do mal anunciam seu fim graças a uma extraordinária e esperada intervenção divina: convidam a esperar. O apocalíptico não confia neste mundo, mas aguarda uma superação dele, o que o impele a uma viva espera. A atribuição do escrito a célebres homens do passado (pseudonímia) é garantia de realização. O segundo elemento, aquele formal, é dado pelo simbolismo que, já presente nos profetas, explode com intensidade e variedade nos novos escritos: os símbolos referem-se ao mundo humano, animal, teriomórfico, numérico, cromático. A apocalíptica pode ser, portanto, descrita como a viva espera da realização de promessas contidas em revelações atribuídas a homens do passado e expressas mediante símbolos: tais promessas encontram o seu fundamento na irrupção do Reino de Deus na história, liberada das potências do mal.

II. Nascimento e desenvolvimento da apocalíptica bíblica – Esta nova mentalidade manifesta seus primeiros sinais entre os séculos V e o IV a.C. e se estende por cerca de meio milênio, alcançando seu ápice no livro de Daniel (164 a.C.) e no Apocalipse (fim do século I d.C.). A breve apresentação dos textos segue a ordem histórica, começando com Joel. Este escrito, inserido desde sempre entre os Doze Profetas, marca a passagem da profecia à apocalíptica, portanto, merece uma particular atenção.

CONFISSÃO DA FÉ

L., *Battesimo e confermazione*, in: GRILLO, A.; PERRONI, M.; TRAGAN, P.-R. (eds.), *Corso di teologia sacramentaria*, vol. 2, Brescia, Queriniana, 2000, 95-187 (175-184) – HAUKE, M., *Die Firmung. Geschichtliche Entfaltung und theologischer Sinn*, Paderborn, Bonifatius, 1999 – LIGIER, L., *La confermazione. Significato e implicazioni ecumeniche ieri e oggi*, Roma, Dehoniane, 1990 – PERI, V., *La cresima come secondo sacramento dell'iniziazione cristiana*, Reggio Emilia, San Lorenzo, 1984 – REGLI, S., *Il sacramento della confermazione e lo sviluppo cristiano*, *MySal* 10, 349-414 – TRAGAN, P.-R., *Le radici bibliche del sacramento della confermazione*, *RivLi* 76 (1989) 214-231 – ID., “Nascere da acqua e da Spirito”. Il dono dello Spirito Santo nelle comunità apostoliche, in: CARR, E. (ed.), *La cresima. Atti del VII Congresso Internazionale di Liturgia*. Pontificio Istituto Liturgico, 2004; Roma, Centro Studi S. Anselmo, 2007, 13-41 – TRIACCA, A., *Per una trattazione organica sulla “confermazione”*, *EL* 86 (1972) 128-181. Sobre a origem da crisma e a história do desenvolvimento litúrgico deste sacramento, continua fundamental ainda hoje o trabalho de KRETSCHMAR, G., *Firmung*, *TRE* 11, 192-204

PIUS-RAMON TRAGAN

Ver também: BATISMO; ESPÍRITO SANTO; EUCHARISTIA; TESTEMUNHO.

CONFISSÃO DA FÉ

SUMÁRIO – I. *O vocabulário da homologia*. II. *A confissão da fé*: 1. A “confissão” do Filho do homem; 2. A confissão de fé nas cartas de Paulo; 3. A confissão de fé na tradição paulina; 4. A confissão de fé cristológica nos escritos joaninos. III. *Conclusão*.

A terminologia e o conceito de “confissão” dizem respeito ao âmbito forense e ao religioso, com recíprocas interferências. Nos escritos neotestamentários, que se inserem na tradição bíblica, o vocabulário e a categoria da “confissão” se desenvolvem ao longo de duas trajetórias: a profissão de fé e a confissão dos pecados. Somente em poucos casos é encontrado um uso profano do verbo *homologéō*, com o significado de “concor-

dar”, “aprovar”, “declarar”, “admitir”. No contexto do mundo antigo, no qual a esfera religiosa e a profana se interseccionam, é fácil passar da ideia de assumir o compromisso em um contrato, ou de admitir a culpa diante do tribunal, para a ideia do voto ou juramento e da confissão dos pecados diante de Deus. Para relevar a dimensão teológica da “confissão”, após delimitar a área de pesquisa com o exame do vocabulário, devem ser tomados em consideração os textos que permitem definir os traços distintivos da profissão de fé.

I. O vocabulário da homología – No total, o verbo *homologéō* é usado 26 vezes nos escritos do NT, com a máxima concentração nos textos joaninos (11 vezes). O verbo composto *exomologéō*, “confessar”, aparece 10 vezes no total, nos contextos de oração (Mt 11,25; Lc 10,21; Rm 15,9; Sl 17,50) e da confissão dos pecados (Mt 3,6; Mc 1,5; Tg 5,16). Menos frequente é o uso do substantivo *homología*, apenas seis vezes. O verbo composto *anthomologéomai* é encontrado somente em Lc 2,38: a velha Ana, que vive no templo do Senhor, quando os pais apresentam o menino Jesus, põe-se também ela a louvar a Deus.

O vocabulário da “confissão” no NT depende substancialmente do vocabulário da Septuaginta, no qual o verbo *homologéō* aparece 14 vezes, incluindo as três ocorrências no quarto livro dos Macabeus. Mais frequente é o uso do verbo composto *exomologéō*, com mais de cem ocorrências (120 vezes) — sobretudo nos Salmos (60 vezes) —, ao qual, na grande maioria dos casos, corresponde no TM o verbo *hōdā* (*hifil* da raiz *ydh II*), “louvar”, “celebrar” (o Senhor). Menos frequentes na Septuaginta são as ocorrências do substantivo *homología* (6 vezes), substituído pelo composto *exomológēsis* (24 ocorrências, sendo 9 nos Salmos e 5 no Sirácida). Os substantivos hebraicos correspondentes são *tōdā*, “louvor”, *nēdābā*, “dom” (sacrificial), ou mesmo *nēder*, “voto”.

ra; igualmente, foram as mulheres as primeiras testemunhas da ressurreição.

i. A relação com Jesus, reconstituída após a ressurreição – Os vínculos tanto sociais quanto morais do discipulado foram quebrados pela morte de Jesus. Depois de sua ressurreição ele os restabeleceu, mas sobre uma nova base. Ele mesmo agora não é mais simplesmente o seu mestre, mas o seu Senhor: o título de respeito, *kýrios*, assume um significado mais completo. Eles, por sua vez, terão o Espírito Santo e compreenderão o verdadeiro significado das Escrituras e serão suas testemunhas (Lc 24,36-49; At 1,8); terão o poder de perdoar os pecados (Jo 20,21-23); deverão tornar discípulos todos os povos e Jesus estará com eles para sempre (Mt 28,16-20).

4. NOS ATOS DOS APÓSTOLOS – No livro dos Atos dos Apóstolos, “discípulos” — usado de modo absoluto na maior parte dos casos — se torna um termo para indicar o ser “crentes em Jesus”, sinônimo de “cristãos” (cf. 11,26). Aqui não indica necessariamente um discípulo pessoal de Jesus, mas simplesmente uma pessoa que crê em Jesus enquanto Cristo (cf. Jo 8,31). Os discípulos formam um grupo social (*plêthos*: cf. At 6,2), que tem uma vida própria em comum (At 2,42-44; 4,32-35); sofrem perseguições (9,1); recebem novos membros mediante o batismo e a imposição das mãos para doar o Espírito (At 8,14-17; 9,10.17-19).

BIBL. – GERHARDSSON, B., *Memory and Manuscript. Oral Tradition and Written Transmission in Rabbinic Judaism and Early Christianity*, Uppsala, C.W.K. Gleerup, 1961 – MEIER, J.P., *Un ebreo marginale. Ripensare il Gesù storico. Vol. 3: Compagni e antagonisti*, Brescia, Queriniana, 2007 – MORFINO, M.M., “Metti in pratica più di quello che hai studiato” (*Pirqé Abot* 6,4). Alcuni tratti caratteristici del maestro della parola nel trattato *Pirqé Abot* e nel *Midrash Abot de Rabbi Natan* e in alcuni commenti posteriori, *RivBib* 50 (2002) 257-310 – ID., “Moltiplicare la Torah è moltiplicare la vita” (*Pirqé Abot* 2,8). Maestri e discepoli in alcuni commenti rabbinici, *LASBF* 54 (2004) 141-234 – NODET, É.;

TAYLOR, J., *Le origini del cristianesimo*, Casale Monferrato, Piemme, 2000 – PESCE, M., *Discepolato gesuano e discepolato rabbinico. Problemi e prospettive della comparazione*, *ANRW II*, 25,1, 1982, 351-389.

JUSTIN TAYLOR

Ver também: APÓSTOLOS; COMUNHÃO EM CRISTO; COMUNIDADE; SERVIÇO E DIACONIA; VOCAÇÃO.

DOR

SUMÁRIO – I. *Introdução*. II. *Terminologia*: 1. Antigo Testamento: a. *‘āšab*, b. Os substantivos derivados. 2. A Septuaginta; 3. Novo Testamento. III. *O tema da dor no Antigo Testamento*: 1. Experiência; 2. Interpretação; 3. Reações perante a dor; IV. *O Novo Testamento*: 1. A experiência de Jesus; 2. O discípulo; 3. O apóstolo Paulo. V. *Conclusão*.

I. Introdução – O tema da dor na Bíblia apresenta algumas particularidades significativas em relação à nossa compreensão atual de tal experiência. No AT, por exemplo, essa realidade existe claramente, e é possível identificar muitas imagens que a exprimem; faltam, no entanto, termos típicos para indicar a dor, de modo que o hebraico usa de bom grado circunlóquios (“doença”, “aflições”, “angústia”, “amargura” etc.). Em vez disso, como veremos, bem variada é a terminologia utilizada pela Septuaginta e pelo NT, a qual, porém, não corresponde exatamente ao hebraico. A partir dessa rápida investigação de caráter linguístico, formulamos a hipótese de que o modo de considerar a dor no âmbito bíblico seria diferente do modo ocidental contemporâneo. Em segundo lugar, é difícil — sobretudo no AT — distinguir entre dor física, psíquica e dor espiritual, uma vez que se trata de uma experiência que diz respeito a toda a pessoa.

II. Terminologia – 1. ANTIGO TESTAMENTO – a. *‘āšab* – Esse verbo, que significa “afligir”, “contristar”, aparece cerca de 15 vezes (algu-

PAULO

cimentos que permitem traçar um quadro cronológico bastante definido. Eis os principais:

a) Paulo, alguns anos após a conversão (talvez três), teve que deixar Damasco; ele fala do governador — “o etnarca” — do rei Aretas em Damasco (cf. 2Cor 11,32-33), dado confirmado também por At 9,23-25; aqui se alude a Aretas IV, rei dos nabateus (de 9 a 40 d.C.); portanto, o fato deve ser verificado dentro do ano 40 (talvez em 37).

b) Outra referência histórica relevante é o edito de Cláudio contra os judeus, que pode ser datado com maior probabilidade em 49 d.C. (cf. At 18,2: é por esse motivo que Priscila e Áquila deixam Roma).

c) O dado cronológico externo mais fidedigno de todo o NT se refere ao encontro de Paulo com Galião em Corinto (cf. At 18,12-17). Lúcio Júnio Galião, irmão do filósofo Sêneca, foi procônsul em Corinto por um ano entre a primavera de 51 e a de 52 (data confirmada em uma inscrição descoberta em Delfos no ano de 1905).

d) De acordo com Atos, tendo chegado a Jerusalém, Paulo foi preso pelos romanos (cf. At 21-22) e levado para Cesareia, onde compareceu diante do procurador romano Antô-

nio Félix (cf. At 23,24) e — transcorridos dois anos — se apresentou diante de seu sucessor Pórcio Festo (cf. At 24,27-28); para a data da sucessão entre os dois há a propensão de indicar o ano 59, ao qual se seguiriam a viagem e o biênio em Roma, encerrado provavelmente com a morte do apóstolo.

Esses dados cronológicos que se podem fixar de certo modo no calendário (cronologia absoluta) são, depois, confrontados com a sucessão de alguns fatos que o próprio Paulo apresenta em Gl 1-2 (cronologia relativa): o primeiro dado é o seu “chamado/revelação”; depois há a estadia na Arábia, seguida do retorno a Damasco; três anos depois, há a viagem para Jerusalém para encontrar Cefas (Pedro), portanto o regresso a “suas” regiões (a Síria e a Cilícia, onde estão Antioquia e Tarso). Paulo em seguida informa que após catorze anos foi a Jerusalém para expor seu evangelho diante dos responsáveis da Igreja (é o assim chamado “Concílio de Jerusalém”); então ter retornado a Antioquia, onde teve o contraste com Pedro (o assim chamado “incidente de Antioquia”; cf. Gl 2,11-14). A seguir, uma possível reconstrução cronológica:

30 d.C.	morte de Jesus
32-33 d.C.	“conversão”; Damasco e Arábia (cf. Gl 1,15-16; 1Cor 15,8)
34-35 d.C.	visita a Jerusalém e encontro com Pedro (cf. Gl 1,18)
35-48 d.C.	em Tarso; em Antioquia da Síria; primeira viagem missionária (cf. Gl 1,21; At 9,30; 11,25-26; 13-14)
48-49 d.C.	assembleia dos apóstolos em Jerusalém (cf. Gl 2,1-2; At 15); “incidente de Antioquia” (cf. Gl 2,11-14)
50-52 d.C.	segunda viagem missionária (cf. At 16-17); estadia de um ano e meio em Corinto (cf. At 18)
52-55 d.C.	terceira viagem; estadia de dois anos e meio em Éfeso (cf. At 19-20)
55-56 d.C.	estadia de três meses em Corinto e viagem até Jerusalém (cf. At 21-23)
56-58 d.C.	cativeiro em Cesareia (cf. At 23-26)
58/60 (?) d.C.	viagem para Roma como prisioneiro (cf. At 27)
60-62 (?) d.C.	cativeiro romano (cf. At 28) e martírio

É incerto o ano da morte e ainda mais difícil é estabelecer o ano de seu nascimento.

Quando, por volta de 54-55 d.C., o apóstolo escreve para Filêmon, define-se como um

Mohr-Siebeck, 1999 – FOCANT, C., *Du temple à la maison*, *RTL* 37 (2006) 342-360 – KLINZING, G., *Die Umdeutung des Kultus in der Qumrangemeinde und im Neuen Testament*, Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1971 – MARGUERAT, D., *Du Temple à la maison suivant Luc-Actes*, in: FOCANT, C. (ed.), *Quelle maison pour Dieu?*, Paris, Cerf, 2003 – MCKELVEY, J., *The New Temple. The Church in the New Testament*, Oxford, University Press, 1969 – PHILONENKO, M. (ed.), *Le trône de Dieu*, Tübingen, Mohr-Siebeck, 1993 – SAFRAI, S., *The Temple*, in: SAFRAI, S. e altri (ed.), *The Jewish People in the First Century*, vol. 2, Assen, Van Gorcum, 1976, 865-907 – SCHMIDT, F., *La pensée du Temple. De Jérusalem à Qoumran*, Paris, Seuil, 1994.

GIANCARLO BIGUZZI

Ver também: CULTO; SACERDÓCIO; SACRIFÍCIO.

TEMPO E HISTÓRIA

SUMÁRIO – I. *Notas preliminares*. II. *História da pesquisa*: 1. A defesa da originalidade da concepção hebraica do tempo e da história: *a*. Ausência de uma teoria da temporalidade na língua e na cultura hebraica, *b*. A história como criação do gênio hebraico, *c*. O tempo como um batimento cardíaco, *d*. A história como escatologia; 2. A contestação da pretensa originalidade da concepção hebraica do tempo e da história: *a*. Estruturas linguísticas e pensamento, *b*. Da ideia de história ao projeto historiográfico na Bíblia, *c*. Tempo e narração: rumo a uma visão “narrativa” da problemática. III. *O problema do método*: 1. A multiplicidade das aproximações críticas e o *impasse* metodológico. 2. Uma hipótese ainda por aprofundar. IV. *O estudo do calendário como observatório particular da tensão entre narração e reflexão*: 1. Escrever uma história baseada num “calendário litúrgico”; 2. O “memorial litúrgico” como instância inovadora para a concepção bíblica do tempo e da história. V. *Conclusão*.

I. Notas preliminares – A aproximação dos termos “tempo” e “história” sintetiza de maneira eficaz a tensão semântica iniciada pelo amplo debate teológico relativo à originalidade da concepção hebraica e hebraico-cristã da história e, especificamente, da história da sal-

vação. Com efeito, o estudo do pensamento, das concepções e das representações do antigo Oriente Próximo levou diversos pesquisadores a individualizar, primeiro na tradição hebraica, e depois na cristã, o depósito cultural originário para a invenção da própria ideia de história da qual o Ocidente é devedor. A aproximação ao tema foi muitas vezes realizada mediante o acesso terminológico, hebraico ou grego: embora importante e fundamental, o espólio dos significados relativos à terminologia ligada às dimensões da temporalidade sozinho não consegue orientar as concepções subentendidas na visão global que o texto bíblico exige. Para essas aproximações remetemos para as diferentes e amplas contribuições oferecidas especialmente pelos dicionários teológicos.

A perspectiva que aqui se quer seguir é, principalmente, metodológica, útil para colocar em evidência os valores e os limites ligados às diferentes aproximações que a história da pesquisa realizou a respeito dessa temática. Será, portanto, necessário apresentar, sumariamente, alguns debates fundamentais que emergiram a partir dos estudos a respeito da ideia de história dentro da panorâmica bíblica, para depois focalizar a atenção em alguns percursos interessantes e ainda pouco explorados, que poderiam oferecer ulteriores contribuições para a pesquisa. Esse tema, ainda muito debatido, se presta para colocar em evidência novos itinerários teóricos. A presente contribuição, que coloca a ênfase sobre a questão metodológica, se limita apenas a uma exemplificação — a do calendário litúrgico — como potencial laboratório para o estudo particular das concepções a respeito da temporalidade bíblica na tensão entre narração e reflexão.

II. História da pesquisa – Para esclarecer os pontos principais que indicam as problemáticas metodológicas fundamentais, é essencial oferecer, antes de mais nada, alguns breves

co (ver os vários *praenotanda* à Eucaristia, aos outros seis sacramentos, e o *Ritual de Bênçãos*).

BIBL. – BALZ, H.; SCHNEIDER, G., *myrízō*, *DENT* 2, 432 – GRUNDMANN, W., *chriō*, *GLNT* 15, 853-856 – COTHENET, E., Onction, *DBS* 6, Paris, 1960, 701-732 – FEDRIZZI, P., *L'unzione degli infermi e la sofferenza*, Padova, Messaggero, 1972, 21-66 – NESSE, F., *chriō, mšh nell'AT*, *GLNT* 15, 857 – NEUNHEUSER, B., Unzione, in: *Dizionario Patristico e di Antichità Cristiana* 2, Casale M. (AI), Marietti, 1984, 3529-3531 – SCHLIER, H. *aleiphō*, *GLNT* 1, 617-626; 939-1091 – SEYBOLD, K., *māšah/māšiah*, *GLAT* 5, 398-412.

LUCIANO PACOMIO

Ver também: BATISMO; CONFIRMAÇÃO; ESPÍRITO SANTO.

UNIDADE ENTRE ANTIGO E NOVO TESTAMENTO

SUMÁRIO – I. *Introdução*. II. *O problema e suas implicações*: 1. Implicações teológicas e cristológicas; 2. Implicações eclesiológicas; 3. Implicações hermenêuticas; 4. Implicações no diálogo inter-religioso. III. *A relação entre os dois Testamentos na tradição cristã*: 1. O modelo de substituição; 2. O modelo tipológico/alegórico; 3. O modelo promessa-cumprimento; 4. O modelo histórico-salvífico; 5. Considerações sintéticas. IV. *O testemunho da Escritura*: 1. A aliança nunca revogada; 2. O cumprimento das Escrituras. V. *Novas perspectivas*: 1. Reconsideração sobre eleição e aliança; 2. Reavaliação hermenêutica do Antigo Testamento; 3. O modelo dialógico. VI. *Conclusão*.

I. Introdução – A Bíblia cristã apresenta o único e insondável projeto salvífico de Deus articulado em duas partes: Antigo e Novo Testamento. Até o advento de Jesus, ou melhor, até o final do século II d.C., existia um único Testamento, representado pela *Torah*, as Escrituras judaicas. Os eventos cujo protagonista foi Jesus, e os primeiros passos da Igreja nascente foram lidos e interpretados à

luz da *Torah* e, mesmo quando se começou a considerar “Escritura sagrada” os evangelhos e outros escritos do NT, a Bíblia de Israel ainda foi considerada parte integrante da Bíblia cristã, testemunho da ação salvífica de Deus em favor de Israel e de todos os povos da terra. A autoridade dos dois Testamentos é, portanto, desde o princípio um fundamento inalienável da fé cristã, e nunca se enfraqueceu, mesmo quando o AT sofreu ataques violentos, como o de Marcião, no século II d.C. E, apesar disso, é necessário reconhecer que, ao longo dos séculos, na reflexão e na práxis das igrejas cristãs, a unidade dos dois Testamentos foi interpretada de diversos modos, com desdobramentos e implicações de natureza variada, sem excluir os graves mal-entendidos. Essas leituras assinalaram negativamente não apenas a verdade e autenticidade da fé, mas também as relações entre judeus e cristãos. Enfim, a história demonstra que a questão da relação entre os dois Testamentos não é apenas acadêmica.

Uma reconsideração se torna, portanto, necessária, principalmente depois das várias intervenções que João Paulo II teve em relação a esse problema, e depois da publicação, por parte da Pontifícia Comissão Bíblica, do documento *O povo judeu e as suas Sagradas Escrituras na Bíblia cristã* (2001).

II. O problema e suas implicações – É um fato notório a todos que um dos portais da catedral de *Notre-Dame* de Estrasburgo é ornado em seus lados por duas estátuas: uma figura a sinagoga vendada, com a lança quebrada e as tábuas da *Torah* que lhe caem das mãos, a outra representa a Igreja, que procede triunfante, com a cruz numa das mãos e o cálice na outra. Essa representação da relação entre os dois Testamentos dominou por séculos a cristandade, mas é notório que essa concepção não pode mais ser aceita. E, contudo — não obstante a nova consciência que se impôs entre os cristãos, principalmen-

ÍNDICE ANALÍTICO

No presente Índice analítico os temas em “redondo” correspondem aos verbetes do Dicionário. A flecha (→) indica as remissões a serem levadas em consideração para o aprofundamento de cada tema. Os verbetes que possuem uma abordagem própria estão, em geral, acompanhados pela indicação das partes e dos parágrafos que interessam mais diretamente ao tema. Quando não há indicações precisas nesse sentido, convida-se a considerar todo o verbete.

Abbá

- Espírito Santo IV,1
- Filho de Deus III,2
- Oração III,2-3
- Paternidade e maternidade
- Providência III,2-3
- Senhor IV,1

Abdias

- Dia do Senhor II,2c
- Doze profetas

Abraão

- Aliança III,2
- Bênção II,2b; III,2a-b
- Escatologia II,1
- Esterilidade II
- Família II,2
- Fé/Fidelidade II
- Fogo II,1
- Gênesis III; IV,2a
- Hospitalidade/Estrangeiro II
- *Isaac*
- *Ismael*
- Obediência III
- Obras/Mérito III
- Povo de Deus IV,3
- Promessa I,2; III,3
- Resto de Israel IV,1b
- *Sara*
- Tentação I,2

- Terra II,1
- Tradição II,3
- Ver/Visão III,1a
- Vocação II,1a

Adão e Eva

- Apócrifos (AT) III
- Comunhão em Cristo II,2f
- Criação II,1a; III,4
- Espírito Santo V
- Esposo e esposa III,2e
- Gênesis IV,1
- Homem I,1
- Imortalidade VII
- Mal/Doença II,2f
- Maldição II,1a
- Mito III,2b
- Nome II,1
- *Novo Adão*
- Obediência I; II; III
- Paraíso I
- Pecado (AT) II
- Pecado (NT) III,1

Adoração

- Culto
- Oração

Adulterio

- Aliança II,2a
- Amor II,1